

Apresentação do Dossiê

Passado e presente: a contemporaneidade das lutas sociais no campo

A Revista *Àskesis* – revista dos discentes do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar, apresenta sua quarta edição, segunda composta por um dossiê temático. Para mim é de grande alegria redigir essa apresentação. Participei da criação da revista em 2011 e de seu comitê editorial nos primeiros dois números. Alegro-me saber que os discentes do PPGS-UFSCar mantêm viva a proposta de discutir e divulgar trabalhos acadêmicos, fomentando a *prática* do exercício crítico de pesquisadores. Agradeço por poder continuar contribuindo neste projeto, e parablenizo os membros do comitê editorial pela realização de mais um número.

Difícil o trabalho de apresentar um dossiê. A necessidade de reduzir a totalidade dos textos em poucos parágrafos me causa constrangimento, principalmente pela possibilidade de pecar em sua apresentação. Os pontos aqui destacados tentam cativar o leitor a adentrar num debate sobre a contemporaneidade das diversas lutas sociais no campo, pensando passado e presente sob diferentes perspectivas. A questão agrária e as ruralidades fazem parte da realidade social, não como resquício de um passado esquecido, mas como expressão contemporânea das transformações no mundo social, na qual passado e presente estão em constante relação. Cada detalhe de cada trabalho aqui apresentado é capaz de trazer compreensão sobre os processos sociais contemporâneos. Tratam-se de uma entrevista, três artigos e um relato de pesquisa.

A edição inicia com a entrevista de Padre Bragheto¹, que apresenta relatos de momentos históricos de luta no campo. Há 30 anos ocorriam no Estado de São Paulo as primeiras greves de cortadores de cana, nas quais Padre Bragheto, ainda recém ordenado, teve participação crucial. Acompanhou trabalhadores rurais na luta por direitos sociais e por terra, ocupando papel de grande engajamento social dentro da Igreja Católica. Como sinalizado pela Prof^a Maria Moraes, que gentilmente fez a apresentação da entrevista, “o conhecimento deste fragmento do passado é de suma importância para a compreensão da situação social atual dos trabalhadores rurais, suas lutas e também do processo de exploração e dominação, cujas marcas ficaram gravadas em seus corpos e almas”.

Na mesma via de “escovar a história a contrapelo” que pode ser observada na entrevista de Padre Bragheto, o artigo de Rafael Aroni apresenta a retomada de uma memória subterrânea. O objetivo do trabalho é “perscrutar a memória coletiva sobre as lutas sociais” dos cortadores de cana grevistas do município de Leme/SP. Busca compreender de que forma a greve, que ocorreu em 1986, permanece no imaginário das novas gerações. A pesquisa foi realizada com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do município em questão e, por meio de um projeto escolar, visou a rememoração como maneira de construir conhecimento. Aroni realizou uma série de atividades com os estudantes, como leitura e produção de textos, e coleta de relatos orais. As atividades tinham por fundamento consolidar

¹ Realizada pela Prof^a Dr^a Maria Aparecida de Moraes Silva em 1989, no âmbito da investigação do projeto Mulheres boias-frias. Natureza ou anomalia.

o conhecimento dos fatos a partir de diferentes dinâmicas, como o conhecimento sobre a metáfora do anjo da história, proposto por Walter Benjamin [...] para compreensão da alegoria de que a ideologia do processo no capitalismo traz incutida a ideia de marcha ou avanço linear, e que pouco se busca rememorar caminhos não trilhados, mas que foram iniciados, no embate com forças que busca apagar vestígios dessas outras trilhas.

Aroni problematizou os efeitos do processo de silenciamento e o sentido das lutas dos trabalhadores rurais nas gerações de secundaristas, contando com o debate sociológico sobre memória. Ouvir aquilo que foi emudecido, a versão “não-oficial” da História, é isso que estabelece relação entre os textos deste Dossiê.

O artigo seguinte, A construção da categoria política sem-terra, de Ramon Torres Araújo, analisa as publicações do jornal Terra Livre, instrumento de divulgação política do Partido Comunista Brasileiro - PCB no campo. Demonstra como a categoria sem-terra foi sendo forjada pelos movimentos sociais desde a década de 1950, e não pelo Estado ou pelo MST nas décadas de 1970/1980, como afirmam alguns autores. Com a compreensão do contexto de disputa entre Ligas Camponesas, PCB e Igreja Católica pela hegemonia da organização dos camponeses, e por meio da análise das edições do jornal Terra Livre, entende-se que “a categoria sem terra foi forjada pelos movimentos sociais na luta pela reforma agrária e em oposição ao latifúndio, [...] antes do golpe de 1964, apresentando autonomia relativa ao Estado”. Entretanto, as lutas pela terra não ignoravam a importância do Estado para a efetivação da Reforma Agrária. O Estado aparece nesse cenário como aquele que reconhecera como legítima a reivindicação pela reforma agrária.

Na via de compreensão sobre o papel dos Estado frente os movimentos sociais, o artigo de Pablo Diaz Estévez apresenta uma reflexão que vai além da visão dicotômica acerca da relação entre tais atores. Distancia-se das análises “*movimentistas*” - que apontam o Estado como ente dominador das iniciativas sociais, e das “*estatalistas*” - que compreendem os atores sociais como acessórios de um poder central estatal. A partir do estudo de um conflito agrário na Província de Santiago del Estero, Argentina, o autor questiona a clássica ideia de cooptação preventiva, propondo o conceito de simbiose, uma associação entre os atores sociais que legitimam suas ações de maneira complementar. Existiria, então, uma nova modalidade de relação entre Estado e movimento social, não mais de cooptação ou de subordinação, mas de reciprocidade e alianças horizontais (o que pode, ou não, ter efeito de dominação).

Se Estévez propõe uma compreensão que extrapola a perspectiva da dominação, não é possível negar que existe uma categoria social que ainda opera sob a égide da exploração e da dominação. Os trabalhadores rurais, cortadores de cana, colhedores de laranja, de café, dentre tantos outros, estão submetidos a condições indignas de trabalho e de (sobre)vivência. Um pouco disso pode ser observado no relato de pesquisa de Ana Carin Sabadin, que estudou a coexistência do trabalho manual e mecanizado no corte de cana-de-açúcar em municípios do Noroeste Paulista. Contando com a noção de “mercado de trabalho migratório ordenado”, apresenta reflexões sobre seu trabalho de campo, que contribuem para fundamentar a afirmação de que existem “outras dimensões que norteiam as estratégias do setor sucroalcooleiro que não a econômica”.

Seja em 1950 nas primeiras organizações camponesas por terra, seja na década de 1980 nas greves de trabalhadores rurais, seja na Argentina ou no Brasil, seja no corte de cana manual ou mecanizado, as lutas sociais no campo permanecem como elemento relevante de compreensão da atual realidade social. Percebe-se com a leitura deste dossiê da Revista Àskesis que o presente só

k

pode ser entendido em sua relação com o passado, e a retomada da memória – não qualquer memória, mas aquela silenciada, a subterrânea, a não-oficial – tem o potencial de realização de perspectivas de um vir a ser, “um futuro do passado que ainda não se realizou no presente”. Boa leitura!

Tainá Reis